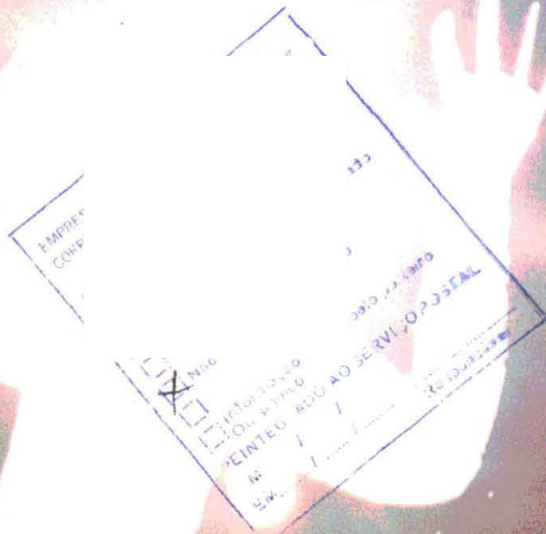


CONTRATO Nº 2810/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



chegou a hora  
dessa gente  
**BRONQUEADA**  
mostrar  
seu valor.

**DF**  
**LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V

Nº 63/69

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

# Descubra o Centro-Oeste

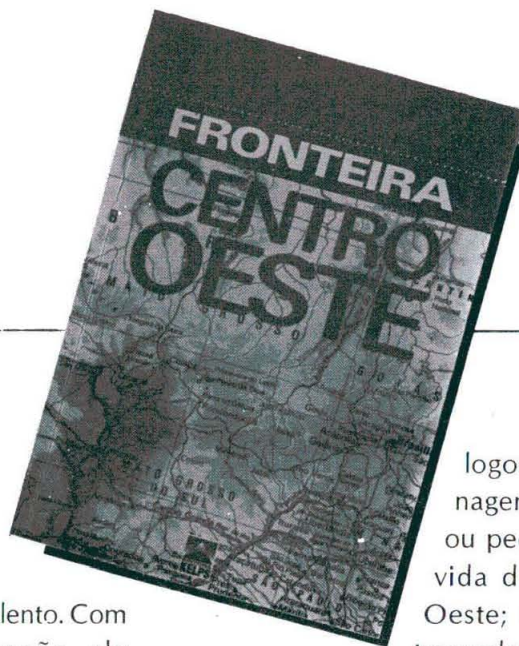
□ ANTONIO BELUCO MARRA

Clovis Sena  
percorre  
17 mil quilômetros  
(de carro) para  
escrever  
*Fronteira  
Centro-Oeste.*

Clovis Sena esteve muito tempo nas redações antes de escrever *A flauta rústica*, livro em que estréia como romancista de talento. Com sua mais recente publicação, ele retorna à atividade de jornalista, embora *Fronteira Centro-Oeste* não seja, a rigor, obra de jornalismo. Clovis viajou dezessete mil quilômetros para escrever seu livro e acumulou uma formidável massa de informações sobre a região.

O trabalho das informações, entretanto, não parece ocupar o centro de suas preocupações. Para Clovis, mais importante que o detalhamento ou a explicação de dados e estatísticas, é demonstrar a idéia de que a região do Centro-Oeste tem tudo para ser o novo Eldorado brasileiro, podendo até mesmo substituir, com vantagem, na mente daqueles que procuram outros países para viver, o sonho de uma nova existência numa terra onde jorriam leite e mel.

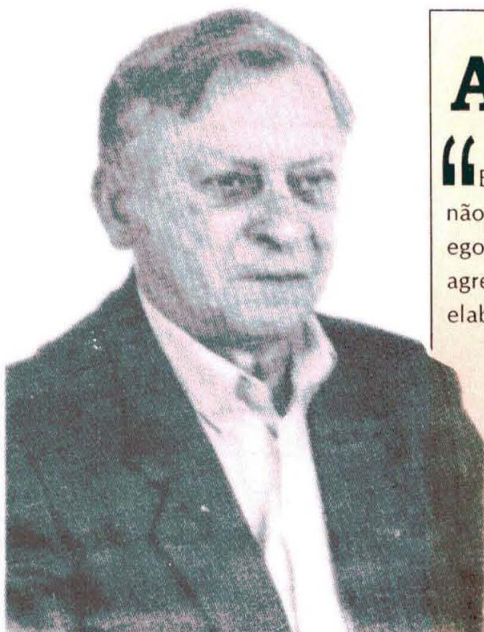
Se os livros têm um espírito, ou uma alma, esse é o espírito e a alma que perpassam as mais de 300 páginas de *Fronteira Centro-Oeste*. Assim, em sua empreitada de longo percurso, Clovis Sena vai colhendo dados, informações, impressões, vai entrevistando gente que se deu bem nas cidades e nos campos, reproduzindo diá-



logos de personagens grandes ou pequenos da vida do Centro-Oeste; enfim, vai traçando um vasto painel da região. Ele o faz com técnicas diversas, como o desenhista ou o pintor que traçam um esboço, produzem aqui e ali uma pincelada, ou simplesmente evocam climas, paisagens, tipos, situações, cores e, mesmo, alguns sonhos!

Talvez o leitor que tenha pavor a ratos gostasse de saber mais sobre o *juscelinus candango*, que seria um rato do planalto, entre a realidade e a metáfora, ou saber mais ainda sobre essa singular Orquestra de Senhoritas, descrita como "única no mundo". O que essas senhoritas têm e as outras não? Clovis não parece nem de longe preocupado com essas nossas pequenas curiosidades.

Não chega a ser um defeito, mas revela um procedimento: ele viaja de um assunto a outro, como se empunhasse não a escrita, mas a câmera de filmar. Cassiano Nunes teve a impressão de estar assistindo a um documentário. Sim. um documentário, como no cinema, mas com a condição de acrescentarmos: um documentário que não se limita ao relato factual, mas que acrescenta às in-



**Clóvis Sena é jornalista, poeta premiado, escritor e crítico de cinema**

formações, de modo a modificá-las, as impressões pessoais do autor, suas lembranças e sentimentos sobre o assunto, além de citações, testemunhos, entusiasmos.

O que Clovis quer compartilhar com seus leitores, na verdade, é a sua descoberta do Centro-Oeste como uma região de benesses naturais, culturais e econômicas insuspeitadas e, praticamente, desconhecidas. Nesse sentido, o livro já atingiu seu objetivo de produzir um inventário da região e de transformá-lo num manifesto-programa em prol de seu aproveitamento e, mesmo, de seu descobrimento. Se o livro tivesse um subtítulo, ele bem poderia ser "Descubra o Centro-Oeste"! Você já pode começar sua viagem!

**Clovis Sena**

*Fronteira Centro-Oeste*  
Pedidos

**Casa do Livro**

(61) 224-3472 / 226-7898

**Livraria do CEUB**

Fax: (61) 340-4915

**Só Livros**

(61) 274-9878

## As Indicações da Bússola

“Existimos para marcar com vida o mundo, não para punir. E onde a negligência ou o egoísmo estiverem a tornar sáfara a terra e agredido o viver, some-se, faça reverter. E elabore seus atos como quem se dê ao privilégio de construir um mundo melhor, irizado de feixes de luz, pleno de serena paz.

Para lá de Belo Horizonte. Depois do oeste do rio São Francisco até além das cabeceiras do rio Paraguai. E Anápolis. As regiões de Dourados e Ceres. Palmas. A trilha da Expedição Roncador - Xingu. Cuiabá e as novas cidades do nortão mato-grossense e da Chapada dos Parecis. A Bahia do oeste sanfranciscano.

Triângulo Mineiro. Tocantins e Araguaia. Centro-Oeste, país do ouro e da revolução pela biomassa. Rondônia e Acre. Migrantes sulistas constroem eles mesmos as escolas e do governo solicitam apenas nomeie os professores. O hectare dos trigais na região de Brasília é mais produtivo que nos Estados Unidos, Canadá ou Argentina. Tal qual quanto aos cafés finos e à soja, o Brasil poderá ser um dos grandes produtores de trigo do mundo e a partir do Centro-Oeste, ou, mais precisamente, a partir dos cerrados do Planalto Central, onde não há geadas, e onde se ouvem sons sinfônicos, catiras, violeiros e canto coral, e assistem-se torneios de cavalhadas, e teatro, e por onde recomeça o cinema.

No princípio do século XX os cearenses chegaram até o Acre, então doado por um ditador da Bolívia ao Bolivian Syndicate of New York e, de armas na mão e escaramuças, asseguraram (os cearenses que ali moravam) essa área para o Brasil sob a liderança do gaúcho Plácido de Castro. Antes, foram os paulistas de Piratininga. Agora em toda a parte do vasto Oeste observa-se: são os sulistas que chegam.

Sempre houve algo de mítico no imaginário popular quanto ao Centro-Oeste. O eldorado que não estava na costa e que iria energizar as Bandeiras.

O cinquentenário de *Marcha para Oeste* - a influência das Bandeiras na formação social e política do Brasil -, livro do modernista Cassiano Ricardo, não teve a evocação devida. Outro cinquentenário, o

do início da Marcha para o Oeste, desdobrada em Expedição Roncador - Xingu: quarenta e três cidades surgiram na trilha da expedição.

Nos tempos atuais Brasília é um Cabo Canaveral ou Escola de Sagres para a nova conquista desse mundo amplo e carente de habitantes e destinado a tornar-se um dentre os mais importantes celeiros do mundo. E já começa.

Com os reais e dólares guardados a fim de ir embora para o estrangeiro e humilhar-se, vá é para o Centro-Oeste do Brasil e cresça com a nação, conforme os norte-americanos dos séculos XVIII e XIX, argumento de muitas centenas de realizações do cinema. Olhe o mapa, escolha um lugar que lhe pareça perdido, e se decida.

Quem já foi não se deu mal. Quando muito, em suas buscas, mudou de uma região para outra. Mas no mesmo Centro-Oeste. Em Dourados, Mato Grosso do Sul, a gaúcha Lori Alice Gressler, professora, com doutorado, explica: mudara-se para ali por achar bom ser pioneiro e poder sentir-se útil. E algo semelhante foi dito pela bailarina russa Maria (ou Masha) Vakhrusheva, solista do Balé Kirov, em São Petesburgo, ao aceitar, aos 24 anos, convite de uma sociedade cultural, a Affinity Arts, para ensinar em Brasília: julga fascinante contribuir para o balé numa cidade nova. E em um dos verbetes da Enciclopédia do Balé Russo, o coreógrafo Sergei Alexandrov diz por que viera ensinar no Ballét Rosana Assad: as capitais de todo o mundo têm boas companhias de dança, e Brasília, tão bonita e agradável, merece uma companhia de balé clássico, seja ela pública ou privada. Professor de Ciências Políticas, o norte-americano David Fleischer conta o seu caso: viera, estudante, ao Brasil, no começo de 60, e em Minas Gerais impressionara-se com a paixão brasileira por política e futebol e, em razão disso, voltara aos Estados Unidos para deixar a Química e estudar Ciências Políticas e conhecer melhor a história brasileira e retornar ao Brasil onde, desde 1972, é professor na Universidade de Brasília: adora a paz de morar no Lago Norte, tornou-se cidadão brasileiro e é presidente da organização não-governamental Transparência, Consciência e Cidadania ●●●”

(Trecho do livro *Fronteira Centro-Oeste*.)